

O ENSINO DO ESPORTE ADAPTADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO NO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA

Antonio Francisco Reis Júnior

IFBA

RESUMO

Este estudo consiste em um relato de experiência desenvolvido com turmas do Ensino Médio Integrado de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). A proposta surgiu da necessidade de discutir a Educação Física Adaptada e o Esporte Adaptado no contexto escolar, promovendo reflexões sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de Educação Física. O objetivo foi apresentar uma proposta pedagógica baseada no ensino dos esportes adaptados, buscando ampliar o conhecimento dos estudantes sobre inclusão, acessibilidade e diversidade. As atividades contemplaram modalidades como voleibol sentado, futebol de cegos, goalball, bocha paralímpica, basquetebol em cadeira de rodas e tênis de mesa adaptado, articulando momentos teóricos e práticos. A metodologia fundamentou-se em estratégias participativas, privilegiando vivências corporais, debates e reflexões sobre as potencialidades das pessoas com deficiência e os desafios enfrentados no esporte e na sociedade. Os resultados evidenciaram maior sensibilização dos estudantes em relação às questões da inclusão, redução de estereótipos e preconceitos e ampliação do conhecimento acerca das modalidades paradesportivas. Além disso, observou-se maior participação, cooperação e desenvolvimento de atitudes de respeito às diferenças durante as aulas. Conclui-se que a inserção do esporte adaptado nas aulas de Educação Física constitui uma estratégia pedagógica relevante para fortalecer a educação inclusiva, favorecendo a formação de estudantes mais conscientes, críticos e comprometidos com a valorização da diversidade humana. A experiência reforça a importância de práticas pedagógicas que aproximem os estudantes da realidade das pessoas com deficiência e contribuam para a construção de uma escola mais inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Esporte Adaptado, Educação Física, Relato de Experiência, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A Educação Física, enquanto componente curricular da Educação Básica, ocupa lugar estratégico na promoção de práticas corporais que dialoguem com a diversidade e com os princípios da inclusão social. Bracht (1999) e Kunz (2004) destacam a necessidade de superar uma perspectiva meramente tecnicista do esporte, compreendendo-o como fenômeno cultural, histórico e socialmente produzido.

De acordo com Darido (2012), a Educação Física escolar deve possibilitar aos estudantes não apenas a vivência das práticas corporais, mas também a reflexão crítica sobre seus significados sociais, culturais e políticos. Para a autora, o ensino do esporte na escola

precisa romper com modelos excludentes, favorecendo a participação de todos e o respeito às diferenças.

No contexto da Educação Profissional e Tecnológica, ofertada pelos Institutos Federais, a Educação Física assume o desafio de articular os conteúdos das práticas corporais com a formação humana integral e a emancipação dos sujeitos. Conforme aponta Bracht (1999), a escola deve possibilitar aos estudantes uma leitura crítica da cultura corporal de movimento, favorecendo a compreensão das relações de poder, exclusão e desigualdade presentes no esporte.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) orienta suas práticas pedagógicas pelos princípios da inclusão, da equidade e da educação socialmente referenciada. Nesse cenário, a Educação Física escolar contribui para a construção de uma cultura educacional inclusiva ao problematizar estereótipos, preconceitos e barreiras que historicamente afastam determinados grupos sociais das práticas corporais.

O esporte adaptado e o paradesporto inserem-se nesse debate como conteúdos pedagógicos fundamentais. O paradesporto é compreendido como o conjunto de modalidades esportivas institucionalizadas e regulamentadas, destinadas à participação de pessoas com deficiência, muitas delas integrantes do programa paralímpico (Mello; Winckler, 2012). Já o esporte adaptado refere-se às práticas corporais que, a partir de adaptações de regras, espaços, materiais e metodologias, possibilitam a participação de pessoas com deficiência em diferentes contextos educacionais e sociais (Gorgatti; Costa, 2008). Mello e Winckler (2012, p. 23) afirmam que o esporte adaptado "não se limita à adaptação técnica das modalidades, mas envolve mudanças atitudinais e pedagógicas que garantam a participação efetiva das pessoas com deficiência". Tal compreensão reforça a necessidade de abordagens pedagógicas comprometidas com a inclusão e com a transformação das práticas escolares.

A proposta de trabalho que aborda o ensino dos esportes adaptados nas aulas de Educação Física surge a partir da necessidade de se pensar em possibilidades das aulas de Educação Física serem ministradas com uma perspectiva que promova a reflexão dos estudantes sobre a importância de se discutir a pessoa com deficiência no espaço escolar, sendo os esportes paraolímpicos como uma possibilidade de aplicabilidade na escola. O objetivo desta discussão em sala de aula é possibilitar a compreensão referente aos esportes adaptados, seu histórico, sua forma de jogar, principais competições e atletas, além de promover a reflexão da importância destes esportes para as pessoas com deficiência e bem como a possibilidade da participação dos

estudantes com algum tipo de deficiência nas atividades programadas durante as aulas de Educação Física.

Diante disso, este artigo tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica desenvolvida num campus do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Bahia (IFBA) com o ensino do esporte adaptado, discutindo suas contribuições para o processo educativo e para a consolidação de práticas pedagógicas inclusivas no âmbito escolar.

2.RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência. A opção por essa abordagem metodológica justifica-se por possibilitar a compreensão aprofundada dos significados atribuídos pelos sujeitos às práticas pedagógicas vivenciadas, considerando o contexto, as interações e os processos educativos desenvolvidos no ambiente escolar.

Conforme destacam Minayo (2014), as pesquisas qualitativas buscam compreender fenômenos sociais a partir das percepções, experiências e interpretações dos participantes, não se restringindo à mensuração de dados. Nesse sentido, o relato de experiência constitui-se como uma estratégia metodológica relevante, pois permite sistematizar e refletir criticamente sobre intervenções pedagógicas concretas, articulando prática e teoria. Segundo Darido (2012), a reflexão sobre a prática pedagógica é fundamental para a produção de conhecimentos no campo da Educação Física, contribuindo para a ressignificação das ações docentes.

A proposta metodológica estruturou-se em turmas do 2º ano do ensino médio integrado dos cursos de Informática e Meio Ambiente de um campus do IFBA. A orientação para a realização dessa atividade ocorre numa unidade didática do componente curricular Educação Física no segundo ano do ensino médio integrado, atingindo em torno de 80 estudantes nos turnos matutino e vespertino. Para a organização das aulas com o tempo de 50 minutos cada, são programadas com as discussões referentes às temáticas propostas, com leitura de textos, análise de vídeos e vivências práticas referentes ao assunto estudado. Ao todo, foram 24 aulas executadas na unidade didática da disciplina.

As intervenções em sala de aula estruturaram-se a partir da articulação entre momentos teóricos e práticos. Inicialmente, foram realizadas discussões conceituais sobre deficiência, inclusão, esporte adaptado e paradesporto, contextualizando historicamente essas práticas e suas relações com a luta da pessoa com deficiência ao longo do processo histórico.

Posteriormente, desenvolveram-se aulas práticas na perspectiva para o desenvolvimento do paradesporto, com algumas atividades envolvendo algumas modalidades paralímpicas, tais como bocha, goalball, futebol de cegos, voleibol sentado e tênis de mesa adaptado. Para o ensino de todas as modalidades, inseriram-se adaptações pedagógicas para o aprendizado da modalidade e jogos cooperativos adaptados. As atividades envolveram adaptações de regras, espaços e materiais, visando garantir a participação efetiva de todos os estudantes.

Ao final de cada aula, foram realizados momentos de avaliação formativa e reflexão coletiva, nos quais os estudantes puderam relatar percepções, dificuldades e aprendizagens decorrentes das vivências propostas.

2.1 O ensino do esporte adaptado nas aulas de Educação Física no ensino médio integrado profissionalizante.

A proposta apresentada foi organizada numa unidade didática do componente curricular Educação Física. Ao longo dessa unidade, realizaram-se discussões de texto, apresentações de vídeos referentes às temáticas estudadas, debates e a vivência prática realizada pelos estudantes sob a orientação do professor da disciplina. No quadro abaixo, apresentamos a organização das aulas e os conteúdos discutidos em cada aula.

AULAS	CONTEÚDOS
01	HISTÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
02	LEGISLAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL
03	DEFICIÊNCIA FÍSICA: CONCEITO; CAUSAS;
04	DEFICIÊNCIA VISUAL: CONCEITO; CAUSAS;
05	DEFICIÊNCIA AUDITIVA: CONCEITO; CAUSAS
06	DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: CONCEITO; CAUSAS
07	ESPORTE ADAPTADO (HISTÓRIA)
08	PARADESPORTO (HISTÓRIA)
09	JOGOS PARALIMPICOS (HISTÓRIA)
10	O BRASIL NAS PARALIMPÍADAS
11	VÔLEI SENTADO (HISTÓRIA, REGRAS)
12	VÔLEI SENTADO (VIVÊNCIA PRÁTICA)
13	BOCHA (HISTÓRIA, REGRAS)
14	BOCHA (VIVÊNCIA PRÁTICA)

15	GOALBALL (HISTÓRIA, REGRAS)
16	GOALBALL (VIVÊNCIA PRÁTICAS)
17	FUTEBOL DE CEGOS (HISTÓRIA, REGRAS)
18	FUTEBOL DE CEGOS (VIVÊNCIA PRÁTICAS)
19	TÊNIS DE MESA ADAPTADO (HISTÓRIA, REGRAS)
20	TÊNIS DE MESA ADAPTADO (VIVÊNCIA PRÁTICAS)
21	JOGOS PARALÍMPICOS DA ESCOLA (ORGANIZAÇÃO)
22	JOGOS PARALÍMPICOS DA ESCOLA (ORGANIZAÇÃO)
23	JOGOS PARALÍMPICOS DA ESCOLA (EXECUÇÃO/ AVALIAÇÃO)
24	JOGOS PARALÍMPICOS DA ESCOLA (EXECUÇÃO/ AVALIAÇÃO)

Fonte: Tabela construída pelo próprio autor.

Na primeira aula, começa-se com a apresentação do histórico das pessoas com deficiência ao longo do processo histórico, na antiguidade, idade média, até os dias atuais. As lutas, as dificuldades enfrentadas ao longo da história, possibilitam compreender a importância dessa discussão no ambiente escolar de modo que todos percebam os movimentos que ocorreram para que a pessoa com deficiência tenha um pouco de dignidade e respeito na sociedade. Dando continuidade à abordagem histórica, no segundo momento promovem-se reflexões em torno da legislação brasileira e da luta que foi até a chegada da lei brasileira de inclusão em 2015. Com essas análises, possibilita-se ao estudante observar o quanto a pessoa com deficiência lutou, e luta para garantir seus espaços na sociedade.

Diante da análise histórica, organizam-se quatro aulas para que os estudantes tenham o conhecimento referente às deficiências, seus conceitos e terminologias, principais causas, as classificações médicas e educacional. Com estas aulas, busca-se que os estudantes tenham um conhecimento prévio das deficiências para que eles entendam o processo da deficiência no outro. Nessas aulas também possibilitamos que os estudantes experienciem a condição da deficiência colocando-os vendas, deixando imóveis em cadeiras ou até mesmo em cadeira de rodas.

Na perspectiva esportiva, apresentamos o histórico do esporte adaptado, seu início na Inglaterra e posteriormente sua divulgação e prática no Brasil, em particular nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo os estados pioneiros na apresentação do esporte adaptado para a população brasileira. Também pontuamos as primeiras competições esportivas, organizadas com o intuito de evidenciar o esporte adaptado, sendo que após essas competições irão culminar com o início dos primeiros Jogos Paralímpicos. Com as Paraolimpíadas, pontuamos a

importância desses jogos para as pessoas com deficiência e apresentamos a referência que o Brasil possui em algumas modalidades, como o futebol de cegos.

Realizada a introdução e discussão do contexto histórico do paradesporto, esporte adaptado e jogos paralímpicos nas aulas anteriores, começa-se a aprendizagem dos esportes paralímpicos, dividido em dois momentos: O 1º momento é a apresentação da modalidade esportiva, histórico, atletas, regras e competições, o 2º momento é a experiência prática, relacionado à deficiência e ao paradesporto. Na nossa proposta de trabalho, começamos com os seguintes esportes adaptados: Vôlei Sentado, Bocha, Futebol de Cegos, Goalball e o Tênis de Mesa Adaptado. Vale ressaltar que a escolha desses esportes paralímpicos ocorreu devido à utilização de materiais preexistentes no espaço escolar e, ao mesmo tempo, sua aplicabilidade para aprendizagem dos estudantes ocorre de forma facilitada.

Nas atividades práticas, os estudantes sem deficiência são solicitados a experimentar a condição do outro, ou seja, eles devem vendar os olhos, simular uma deficiência física e simular uma leitura labial. Todas essas atividades promovem aos estudantes a percepção das dificuldades que a pessoa com deficiência, passa na sua vida cotidiana. Com essas atividades, solicitamos que os estudantes façam uma caminhada, tentem saltar, até mesmo correr com a imposição da limitação no seu corpo. Após essa atividade introdutória, começamos com a parte específica de cada esporte paraolímpico.

No vôlei sentado, adaptamos a quadra para a realização da prática. É colocada a rede na altura oficial da competição e marcamos a quadra com uma fita, deixando no tamanho da quadra oficial para as competições. Conforme o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB, 2025), a quadra mede 10 m de comprimento por 6 m de largura. A altura da rede é de 1,15m no masculino e 1,05m no feminino. Posteriormente, solicita-se que os estudantes sentem no espaço demarcado para a prática com o quantitativo igual nas competições oficiais deste esporte paralímpico. Organiza-se o jogo, com os participantes sentados, permitindo apenas um quique da bola no chão, após ultrapassar a rede. Verificando o desenvolvimento dos estudantes no aprendizado deste esporte adaptado, utilizam-se as regras oficiais da competição, sendo permitido bloqueio de saque, mas os jogadores devem manter o contato com o solo o tempo todo, exceto em deslocamentos para a realização do saque e movimentação na quadra.

Com o ensino do vôlei sentado, verificou-se uma excelente aceitação pelos estudantes, devido à maioria já conhecer um pouco o voleibol convencional, despertando o interesse em conhecer esse esporte paralímpico, reforçando o que Borgmann et al. (2017) em sua pesquisa, o Ensino do voleibol sentado nas aulas de Educação Física, constataram que as facilidades de

ensino do voleibol e jogos em posição sentada devem-se à proximidade com a modalidade convencional e que esse esporte paralímpico tem grande aceitação entre os estudantes.

Na bocha paralímpica, adaptamos as bolas oficiais com a utilização de bolas preenchidas com areia para ficarem um pouco mais pesadas, utilizamos meias e pintamos os materiais, separando as bolas vermelhas e azuis, posteriormente pintamos a bola Jack. Os estudantes que irão competir ficam sentados numa cadeira, podendo jogar a bola com as mãos ou com os pés. Simulando uma situação de jogo como atletas na categoria BC2, em que se verifica que os atletas não recebem assistência e têm mais mobilidade de tronco para lançar as bolinhas.

A observação verificada com o ensino da bocha para os estudantes do ensino médio integrado foi que a maioria tem curiosidade em conhecer a modalidade e, ao mesmo tempo, acaba despertando o interesse em jogar e experimentar mais o paradesporto numa perspectiva recreativa e competitiva, ficando evidente a importância do ensino do paradesporto na escola para o conhecimento e divulgação destas modalidades paralímpicas no ambiente escolar.

Com o futebol de cegos, utilizamos uma bola com guizo, solicitamos um pouco mais de comprometimento dos estudantes para com o outro, devido a eles terem que ficar com os olhos vendados. No futebol de cegos, é apresentado todo o espaço da quadra, a função de cada componente da equipe para, posteriormente, iniciarmos com o esporte propriamente dito. Realizado esse momento, os estudantes são divididos em duplas, em que um estará vendado e o outro não, executando o movimento do passe, em seguida terá a condução de bola e no final o chute ao gol.

No futebol de cegos, por questões de segurança, não realizamos o jogo competitivo entre os estudantes, devido à quadra não ser adaptada para essa prática e até mesmo aos riscos de acidentes que podem ocorrer por causa da condição de cegueira que os participantes estariam envolvidos, apenas com a exceção do goleiro sendo o único jogador que pode enxergar na equipe durante uma partida.

A partir das observações relacionado a participação dos estudantes nas atividades com o ensino do futebol de cegos, evidenciou-se que muitos estudantes ficam curiosos em saber como as pessoas com cegueira conseguem conduzir a bola, ouvir o chamador e acertar o gol é o que Reis Junior (2023) identificou em sua pesquisa mediante o estudo do tomo 05 de Vigotski (2022) no que se refere ao desenvolvimento histórico-cultural da pessoa cega, verificou-se que as funções psicológicas — sensação, percepção, atenção, memória e linguagem — desempenham papel central na constituição do psiquismo, sendo profundamente

influenciadas pelas condições sociais, pela mediação pedagógica e pela linguagem, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento do futebol de cegos.

A próxima prática desenvolvida foi o goalball, o paradesporto que foi desenvolvido exclusivamente para pessoas com deficiência visual. A quadra tem as mesmas dimensões das de vôlei (9m de largura por 18m de comprimento). As partidas são realizadas em dois tempos de 12 minutos, com três minutos de intervalo. Cada equipe conta com três jogadores titulares e três reservas. De cada lado da quadra, há um gol com 9 m de largura e 1,30 m de altura. Os atletas são, ao mesmo tempo, arremessadores e defensores. O arremesso deve ser rasteiro ou tocar pelo menos uma vez nas áreas obrigatórias. O objetivo é balançar a rede adversária, a bola tem um guizo em seu interior para que os jogadores saibam sua direção. (CPB,2025)

Com o Goalball, utilizamos uma bola de basquete e a enrolamos com um saco e papel celofane para facilitar a escuta da bola quando ela estiver sendo rolada ao chão. Realizam-se as marcações na quadra de vôlei, para o praticante obter a percepção da quadra e das zonas que ele deve perceber. Para as traves, utilizam-se 04 cabos de vassouras, que darão sustentação à área compreendida do gol, além de utilizar um barbante para identificação da área do gol. Os estudantes são divididos em trios com os olhos vendados, para a execução do jogo, com o desejo da aprendizagem deste esporte paraolímpico. Assim como ocorre com a bocha, é despertado o interesse pela prática do goalball. O fato curioso é que, após o ensino das modalidades paralímpicas, os estudantes acabam mantendo o interesse pela prática do esporte.

Com o Tênis de Mesa adaptado, utilizamos o espaço da sala de jogos que possuímos no campus com uma mesa oficial de tênis de mesa, solicitamos aos estudantes que imobilizassem um membro superior de modo a realizar essa prática com os colegas, foram realizadas práticas individuais e em duplas, posteriormente solicitamos que os estudantes jogassem sentados como estivessem numa situação em cadeira de rodas. Nesta prática, foi bem significativa a participação dos estudantes e muitos se envolveram e apreciaram o paradesporto.

A culminância da unidade didática ocorreu com a construção e organização dos Jogos Paralímpicos da escola, etapa que se configurou como um momento de síntese das aprendizagens desenvolvidas ao longo das aulas. Nesse processo, os estudantes assumiram papel ativo na elaboração do evento, sendo responsáveis pelo planejamento das modalidades, definição de regras adaptadas, organização dos espaços, produção de materiais e divisão das equipes.

As modalidades selecionadas pelos estudantes — como o goalball, o vôlei sentado, a bocha e o tênis de mesa adaptado — foram adaptadas às condições do espaço escolar,

mantendo, sempre que possível, elementos das regras oficiais. Esse processo favoreceu a compreensão de que a adaptação não se limita a aspectos técnicos, mas envolve, sobretudo, uma mudança de atitude diante das diferenças, não se realizou as competições de futebol de cegos por questões de segurança e não possuímos uma quadra que oferecesse as condições necessárias para essa prática.

Durante a realização dos Jogos Paralímpicos da escola, observou-se um elevado nível de engajamento dos estudantes, tanto na participação quanto na organização das atividades. Os discentes demonstraram interesse, envolvimento e respeito às dinâmicas propostas, especialmente nas modalidades que exigiam a vivência de limitações sensoriais, como o uso de vendas nos olhos. Essas experiências contribuíram significativamente para o desenvolvimento da empatia, ao possibilitar que os estudantes experimentassem, ainda que de forma simulada, desafios enfrentados por pessoas com deficiência no cotidiano.

A participação nos jogos evidenciou avanços na compreensão dos estudantes acerca das potencialidades das pessoas com deficiência, rompendo com visões estigmatizadas e reducionistas. A vivência prática, aliada às discussões teóricas realizadas anteriormente, fortaleceu a construção de uma perspectiva mais crítica e inclusiva em relação à Educação Física escolar.

Dessa forma, destaca-se que a realização dos Jogos Paralímpicos da escola consolidou-se como uma estratégia pedagógica significativa, ao articular teoria e prática, conhecimento e experiência, contribuindo para a ressignificação do ensino da Educação Física. Essa proposta evidenciou que, quando orientadas por princípios inclusivos e críticos, as práticas pedagógicas podem promover não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas também a formação de sujeitos mais sensíveis às diferenças e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das experiências relatadas, evidencia-se que o ensino dos esportes adaptados nas aulas de Educação Física no ensino médio integrado configura-se como uma estratégia pedagógica potente para a promoção de uma educação inclusiva, crítica e socialmente referenciada. Ao articular momentos teóricos e práticos, a proposta possibilitou aos estudantes não apenas o conhecimento acerca das modalidades paralímpicas, mas, sobretudo, a reflexão sobre a condição da pessoa com deficiência ao longo do processo histórico e social.

A vivência das práticas corporais adaptadas contribuiu significativamente para o desenvolvimento da empatia, do respeito às diferenças e da compreensão das potencialidades dos sujeitos com deficiência, rompendo com estereótipos historicamente construídos. Nesse sentido, o esporte adaptado deixa de ser compreendido apenas como conteúdo técnico e passa a assumir um papel formativo, ético e político no contexto escolar.

A proposta, reforça a necessidade de ressignificação da Educação Física escolar, superando práticas excludentes e reducionistas centradas apenas no desempenho esportivo. Ao incorporar o esporte adaptado como conteúdo curricular, amplia-se o repertório cultural dos estudantes e fortalece-se o compromisso com uma formação humana integral, conforme preconizam os princípios da Educação Profissional e Tecnológica.

Por fim, destaca-se que iniciativas como esta desafiam os docentes a repensarem suas práticas pedagógicas, adotando metodologias inclusivas que garantam a participação de todos os estudantes. Assim, o ensino do esporte adaptado na escola contribui não apenas para a democratização das práticas corporais, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e sensível às diferenças.

REFERÊNCIAS

BORGSMANN, Tiago; PENA, Luís Gustavo de Souza; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. O ensino do voleibol sentado nas aulas de Educação Física escolar. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 17, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/6832>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRACHT, Valter. **A educação física escolar: uma abordagem crítica**. Ijuí: Unijuí, 1999.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Goalball**. Disponível em: <https://cpb.org.br/modalidades/goalball/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Voleibol sentado**. Disponível em: <https://cpb.org.br/modalidades/voleisentado/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade física adaptada**. Barueri: Manole, 2008.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2004.

MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

Reis Junior, A. F. **A naturalização da prática de ensino em educação física e o desenvolvimento de pessoas cegas na EPT: contribuições da psicologia histórico-cultural**. Dissertação de Mestrado, Instituto Federal Baiano, 2023 137p.

VIGOTSKI, Lev, S. **Obras completas-Tomo cinco; Fundamentos de Defectologia**/ Tradução do Programa de Ações Relativas as Pessoas com Necessidades Especiais (PEE) Cascavel, Paraná EDUNIOESTE, 2022 488p.

SOBRE O AUTOR

Antonio Francisco Reis Júnior possui Licenciatura Plena em Educação Física, Especialização em Atividade Física e Saúde, Especialização em Metodologia de Ensino da Educação Física e Esportes, Especialização em Educação Física Adaptada, Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. Atualmente é professor do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA - campus Jaguaquara. *E-mail:* antoniojunior@ifba.edu.br